

---

# TIAGO SINIBALDI, ESCATOLOGIA E REDENÇÃO\*

## TIAGO SINIBALDI, ESCHATOLOGY AND REDEMPTION

Carlos Frederico G.C. da Silveira

[carlos.silveira@ucp.br](mailto:carlos.silveira@ucp.br)

Universidade Católica de Petrópolis, Brasil

Resumo: Assumimos três critérios para avaliarmos o pensamento de Sinibaldi em suas grandes linhas. Em primeiro lugar, o tema central da metafísica de Santo Tomás de Aquino: a descoberta do ser como ato, ato intensivo de todos os entes e a consequente distinção real entre ser e essência nos entes. Em segundo lugar, o critério de que a perda da originalidade tomista do ser pertence ao tomismo de escola e isto tem importantes efeitos não somente na filosofia, mas também na teologia. Em terceiro lugar, relação entre espiritualidade e a especulação filosófico-teológica.

Palavras-chave: Tiago Sinibaldi. Escatologia. Redenção.

Abstract: We assume three criteria to evaluate Sinibaldi's thought in its broad outlines. First, the central theme of the metaphysics of St. Thomas Aquinas: the discovery of being as act, intensive act of all beings and the consequent real distinction between being and essence in beings. Second, the criterion that the loss of the Thomistic originality of being belongs to school Thomism and this has important effects not only on philosophy but also on theology. Thirdly, relationship between spirituality and philosophical-theological speculation.

Keywords: Tiago Sinibaldi. Eschatology. Redemption.

---

\* A presente publicação foi devidamente autorizada pelos organizadores de sua primeira edição publicada em: Samuel Dimas, Renato Epifânio, Luís Lóia. (Org.). Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa. 1ed.Lisboa: UC Editora, 2020, v. III.II, p. 373-381.

Doutor Sinibaldi

Este sacerdote italiano, que se fez português, confessa que sua filosofia é a de Santo Tomás e alinha-se a Liberatore, Cornoldi, Sanseverino, Zigliara, Pesch, Kleutgen. Trata-se da filosofia tomista que renasce na segunda metade do século XIX e que ganha um impulso extraordinário com o papa Leão XIII. Este mesmo papa felicita o autor na ocasião do aparecimento de seu manual *Elementos de Philosophia*, num breve de 20 de abril de 1893. Isto nos permite situar Tiago Sinibaldi no que se convencionou chamar de movimento neotomista.

O obituário de Tiago Sinibaldi, publicado por *La Civiltà Cattolica* de 1928, oferece-nos dados biográficos sintéticos sobre nosso autor, além de revelar sua importância para o orbe católico:

No dia 19 de agosto, depois de dolorosa doença, suportada com fortaleza cristã, mons. Tiago Sinibaldi entregava sua alma a Deus. Foi bispo titular de Tiberíades e secretário da Congregação dos Seminários e das Universidades dos Estudos. Nasceu em Civitella aos 11 de outubro de 1856. Feitos os primeiros estudos no Seminário de Orte e os cursos filosóficos e teológicos no Mosteiro de São Paulo, logo que consagrado sacerdote foi destinado pároco de Nazzano Romano. Doutorando-se em filosofia, foi enviado por Leão XIII, em 1885, para Coimbra, Portugal, para ensinar tal disciplina, aí permanecendo mais anos, honrado com a função de Arcediago da Catedral e nomeado comendador pelo Rei. Em 1902, Leão XIII, chamou-o novamente a Roma, destinando-o à direção do novo Colégio Português. Daí, em 1911, foi enviado por Pio X a Catanzaro, como reitor do Seminário regional calabrés e igualmente elevado à dignidade episcopal. Erigida a Congregação dos Seminários e das Universidades dos Estudos, foi nomeado seu secretário em 1915, sob a prefeitura do excelentíssimo cardeal Bisleti, aí permanecendo até o fim de seus dias. Escreveu em português um curso de filosofia escolástica, do qual cuidou ultimamente a quarta edição, e obras de piedade e de doutrina, como *O Reino do Sagrado Coração de Jesus*, *A Grandeza de São José*, entre outras<sup>1</sup>.

Estas referências à sua vida são suficientes ao nosso escopo. Porém, seria importante ressaltar o papel que exerceu, a partir de 1915, na Congregação dos Seminários e das Universidades dos Estudos. Efetivamente, a Congregação lançara, no ano anterior, as famosas XXIV teses tomistas. Esta síntese, que visava a caracterizar e distinguir o pensamento de Santo Tomás de outras tradições da filosofia cristã, vai exercer enorme influência sobre o estudo do

<sup>1</sup> *La Civiltà Cattolica*, 1928, 79, v. III, p. 455-456 (tradução nossa).

tomismo e os destinos do neotomismo no século XX. Sinibaldi insere-se neste conjunto de teses. Seus *Elementos de Philosophia*, publicado décadas antes, são uma exposição das ideias que aparecem resumidas no documento pontifício. Em que medida ele colaborara na redação deste documento é pesquisa que merece ser feita, especialmente porque o obituário acima enfatiza sua relação próxima com os sumos pontífices, desde a época de Leão XIII. Com efeito, o papel que Sinibaldi exercera na renovação do tomismo em Portugal e sua presença renovadora na Academia de São Tomás de Aquino<sup>2</sup>, fundada em 1883 pelo bispo de Coimbra, Dom Manuel Correia Bastos Pina, deram-lhe gabarito para que se tornasse, posteriormente, figura fundamental na Cúria Romana.

#### A filosofia tomista de Sinibaldi

Muito foi o que fez em Portugal e, como consequência, para o Brasil<sup>3</sup>, que adotou seu manual tomista em suas escolas. Chamado modestamente de *Elementos de Philosophia*, este compêndio de filosofia tomista abrange as mais distintas disciplinas filosóficas, como era costume nesta sorte de composição: Lógica, Ontologia, Cosmologia, Antropologia, Teodiceia, na ordem especulativa; Ética e Direito Natural, na ordem prática. Este tratado abrangente não só tem valor em si mesmo e desenvolve uma filosofia tomista em relação às descobertas e aos problemas do tempo, vide de modo especial o tratado de antropologia, mas também pretende oferecer a linguagem e o método filosófico ideal para a teologia. É o que o próprio autor confessa em sua introdução. Ao discorrer sobre a necessidade do estudo que nos oferece, defende que a Filosofia:

- a) demonstra certas verdades, que são o preambulo da *Theologia revelada*, como a *existencia* de Deus, a sua unidade, etc., – b) dá-nos noções precisas de alguns termos

<sup>2</sup> Nuno Estêvão, “A Restauração do Tomismo em Portugal no século XIX: As Instituições Christãs e a Academia de S. Tomás de Aquino em Coimbra (1880-1893)”, *Lusitania Sacra*, 2ª Série, n. XVI, 2004, p. 44.

<sup>3</sup> O louvor que o papa Bento XV dirige ao trabalho intelectual e espiritual de Sinibaldi, em carta de 15 de fevereiro de 1917, atesta isto nos seguintes termos: “Profecto qua parte tuus liber res divinas attingit, id spirat pietatis caritatisque ut mirum non sit, quod audimus, huius disciplinae alumnos, quorum manibus sit versatus, ex eo diligere et amare Iesum Dominum didicisse, eundemque et in Lusitania et per Brasiliani salutem animarum utilem fuisse”. Vaticano, *Acta Apostolicae Sedis*, Roma, ano IX, v. IX, 1917, p. 107.

que se empregam na Theologia, e procura entre os seres creados algumas analogias para entendermos, de algum modo, verdades inacessíveis à nossa razão, – c) combate os adversários da Fé, mostrando a falsidade dos seus princípios ou a dedução ilegítima das suas conclusões<sup>4</sup>.

Estas três relações entre Filosofia e Teologia são tradicionais na escola tomista: ressaltam o valor de verdades filosóficas; a formação da terminologia teológica a partir da filosofia; e seu papel apologético. Por isso mesmo, seu pensamento teológico é, de certo modo, uma consequência de sua filosofia. É importante ressaltar, então, que elementos em concreto de sua filosofia determinam a teologia e a espiritualidade de Sinibaldi. Nosso juízo pretende apresentar elementos da filosofia de Sinibaldi e contrastá-los, aqui e acolá, com elementos que aprofundados e descobertos pelo movimento pelo movimento neotomista no século XX, ainda que posteriormente à produção literária de nosso autor. Isto porque cremos que estas conquistas do neotomismo pertencem à essência do pensamento de Santo Tomás e que, portanto, qualquer tendência da escola tomista deva ser julgada por ela.

Assumimos três critérios para avaliarmos o pensamento de Sinibaldi em suas grandes linhas. Em primeiro lugar, o tema central da metafísica de Santo Tomás de Aquino: a descoberta do ser como ato, ato intensivo de todos os entes e a consequente distinção real entre ser e essência nos entes: “Ipsum esse est perfectissimum omnium, comparatur enim ad omnia ut actus”<sup>5</sup>. Vejamos o que pensa Sinibaldi. No tratado de Ontologia, que é o segundo tratado de seus *Elementos*, encontramos o termo *existência* em lugar de *ser* e que a referida distinção de Tomás é reportada como distinção real essência e existência<sup>6</sup>. Esta é a atitude que se pode caracterizar de essencialismo<sup>7</sup>. Em segundo lugar, o critério de que a perda da originalidade tomista do ser pertence ao tomismo de escola e isto tem importantes efeitos não

<sup>4</sup> Tiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, Coimbra, França Amado, 1906, p. 3.

<sup>5</sup> Tomás de Aquino, *Suma Teológica* [I, q. 4, a. 1, ad 3m], v. I, Madri, BAC, 1994, p. 29.

<sup>6</sup> Tiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, Coimbra, França Amado, 1906, p. 134.

<sup>7</sup> Essencialismo é a característica daquela ontologia que põe na essência a perfeição máxima do ente, seja por razões propriamente metafísicas, seja por razões gnosiológicas. Na disputa da distinção real entre ser e essência, conforme a terminologia de Santo Tomás, o essencialismo é caracterizado pela substituição do termo ser por existência. Contudo, num sentido mais amplo: “Chama-se essencialismo este culto do pensar conceitual que reduz o ente à essência e compreende esta como uma mera coerência lógica interna. O ente existente não seria mais do que a transposição da essência perfeitamente pensada do estado de possibilidade para o estado de existência”. Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, *Logos, Enciclopedia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 2, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1990, p. 260.

somente na filosofia, mas também na teologia. Em terceiro lugar, relação entre espiritualidade e a especulação filosófico-teológica.

### Espiritualidade, Redenção e Escatologia

Em *A Alma aos Pés de Jesus*, Sinibaldi oferece ao público católico um devocionário que consta de múltiplos recursos: sacramentais, orações devocionais a distintos santos, exercícios espirituais. As partes mais amplas desse conjunto são as “Meditações” e as “Visitas a Jesus Sacramentado”. E a mais original são as “Meditações”, que consta de trinta e um capítulos que percorrem a vida de Jesus Cristo aliada ao fim último do homem, sendo este, aliás, o tema da primeira meditação. A última versa sobre o Paraíso, de modo que se entende já de início que o autor pretende apresentar-nos um percurso para vida eterna. Trata-se de exercícios, inspirados no espírito de Santo Inácio, mas também na Imitação de Cristo, leitura explicitamente recomendada a cada meditação.

“Considera que Deus é o teu *princípio*”, recomenda a abertura da primeira meditação. “Considera que a felicidade do Paraíso é a felicidade eterna”: eis a recomendação da última meditação. Entre o princípio e o fim situa-se a alma e sua peregrinação. Que caminho é este que nos apresenta o mestre tomista?

Retomemos a primeira meditação, isto é, a reflexão sobre o princípio. Deus criou-nos generosamente, e quis criar-nos à sua própria imagem e semelhança, dando-nos “um espírito tão grande nos seus pensamentos e tão nobre nos seus afectos”<sup>8</sup>. O segundo momento desta meditação já aponta o fim da criação: “Considera que Deus é o teu fim. Para que julgas tu que Deus te criou? Para que fosses rico, glorioso? Para que passasses os teus dias nos gozos e nos divertimentos?”<sup>9</sup>. As respostas já as sabemos: criou-nos Deus para o Paraíso. Contudo, “considera que o pecado contém imensa malícia”<sup>10</sup>, recomenda como que indicando que o

<sup>8</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 34.

<sup>9</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 35.

<sup>10</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 38.

Paraíso não está em nosso alcance sem a nossa boa vontade. Insere, pois, o problema do pecado: o pecado é malicioso porque é desobediência, desprezo e atentado.

A morte é o eco da vida, tanto o justo quanto o ímpio enfrentam a morte: “nunca assististe à morte do justo?”; “nunca assististe à morte do ímpio?”<sup>11</sup>. Estas são as questões levantadas pela meditação terceira. O pecado agora reveste-se de sua forma mais poderosa, a morte. Haveria diferença entre a morte do justo e do ímpio? A diferença está no modo de viver a vida: “Cristão, qual será a tua morte?... Será a do justo ou a do ímpio?... Se quiseres a morte do justo, começa já uma vida boa e santa... Detesta os pecados passados..., emprega os meios para evitar os futuros...<sup>12</sup>”.

O juízo final e o inferno são os temas das meditações seguintes. A escatologia tradicional é apresentada como exortação a uma vida mais santa: fim do mundo, juízo pessoal, condenação, salvação, ressurreição dos corpos, juízo final, deleite eterno dos redimidos.

As primeiras meditações, como vimos, aborda temas escatológicos com o fim de exortar a alma a uma vida mais santa. A partir da sexta meditação, Sinibaldi apresenta momentos centras da vida de Jesus, modelo da vida cristã.

A meditação sobre o filho pródigo segue a narrativa bíblica com ênfase nos sentimentos dos personagens de modo a gerar identificação do fiel com o jovem pecador e conseqüente arrependimento pelos pecados cometidos. A passagem do sentido literal do texto para o moral é, pois, clara. A passagem para o nível espiritual eleva-se pela consideração da misericórdia divina, sem, porém, transcender as imagens humanas do coração. As meditações seguintes, sétima e oitava, versam sobre a escolha do caminho do justo e a recusa da impiedade: caminho do justo é a imitação de Cristo, pois “o amor é princípio de semelhança”<sup>13</sup>.

Da meditação X à XXIII percorremos os fatos da vida de Jesus, do nascimento até a Ascensão. Os fatos são narrados com raras citações diretas do Evangelho. Neste sentido, inserem-se no tipo de espiritualidade subjetiva, que especula e medita sobre o dogma sem

<sup>11</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 47.

<sup>12</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 48.

<sup>13</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 75.

revisitar o próprio texto revelado, nem mesmo a longa exegese patrística. A vida de Jesus é reconstruída com a imaginação da fé:

Considera que a vida oculta de Jesus é uma vida de trabalho. Um Deus que trabalha!... Aquelas mãos que sustentam o mundo e que, se lhe tocam, abalam os montes, essas mãos varrem a casa, apanham lenha, serram madeira, aplainam tábuas!... O Senhor do Paraíso reduzido à condição de pobre operário!... Podia Jesus viver, desde o nascimento, no meio das grandes cidades; podia, desde a infância, com a luz da mais alta sabedoria, deslumbrar todas as inteligências e, com a força dos mais assombrosos prodígios, comover todos os corações... Podia, e contudo passa trinta anos numa vida de trabalho!...<sup>14</sup>

Jesus pensa, Jesus fala, Jesus opera. Esta é a estrutura da meditação que trata da vida pública de Jesus. Daí vem o nosso exame de consciência: “Examina a tua consciência e, se conheceres que, nos teus pensamentos, palavras e obras, não tens tido em vista a glória e o agrado de Deus, mas sim a satisfação das tuas paixões, do teu amor próprio, arrepende-te e promete emendar-te”<sup>15</sup>.

O sofrimento de Jesus, sua paixão, ocupa o maior grupo temático das meditações, da meditação XIV à XXI. A ênfase na paixão de Cristo é coerente com a concepção redentora de Sinibaldi: “Considera que o amor de Jesus Cristo pelos homens em nenhum acto revelou tão claramente, como na sua dolorosa Paixão e Morte...”<sup>16</sup>; ou ainda: “Num horto começou a nossa ruína, e num horto vai começar a nossa Reparação!...”<sup>17</sup>. Para exprimir a ideia de um Deus flagelado, o nosso autor mais do que nunca carrega nos adjetivos e nas imagens que possam persuadir o leitor do profundo sofrimento do Cristo que desta forma nos redime:

Considera que Jesus, assim banhado em sangue e exposto ao ar, que mais lhe exacerbava as feridas, procurou os seus vestidos para se cobrir... Pobre Jesus! Já se não reconhece!... Mas a crueldade dos seus inimigos não está ainda satisfeita, e inventa novos e mais terríveis tormentos... Sequiosos ainda de sangue, exclamam: “O impostor chamou-se Rei; ponhamos-lhe, pois, nos ombros a púrpura, nas mãos o ceptro, na cabeça a coroa!...” E levantam da terra a vítima divina, arrancam-lhe violentamente os vestidos, renovando assim todas as chagas e todas as dores...; e,

<sup>14</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 92.

<sup>15</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 97.

<sup>16</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 107.

<sup>17</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 112.

---

entre sorrisos de escárnio, cobrem-lhe os ombros feridos com um pedaço de púrpura..., põem-lhe na mão uma cana..., e na cabeça uma coroa de agudíssimos espinhos!... Aqueles espinhos trespassam a pele..., abrem as veias..., rasgam a carne do Filho de Deus!... O sangue inocente corre abundante das feridas abertas, banhando a fronte, os olhos, os cabelos, as faces, a boca de Jesus!...<sup>18</sup>.

Esta teologia da cruz que, como se disse, é natural à espiritualidade de Sinibaldi, pertence àquela tradição, encampada pelo tomismo de escola e que, em parte, fora assumida pelo próprio Tomás, tem sua origem na Idade Média cristã e é levada ao extremo na escolástica barroca. Por isso mesmo a ressurreição de Jesus é tratada em única meditação, em contraste com as meditações da paixão e da morte que abarcam vários capítulos meditativos. Por isso mesmo, o autor não atinge os graus de profundidade que pretendia nas meditações anteriores. A ressurreição é contemplada, uma vez mais, a partir do próprio corpo mutilado por sua paixão e morte: “Ó meu Jesus, adoro o vosso Corpo divino, não desfigurado e coberto de sangue, mas fulgurante de beleza e de esplendor...”<sup>19</sup>.

À ressurreição, sucede a meditação sobre a ascensão: como o coração deve estar onde está seu verdadeiro bem, nosso coração e nossas emoções devem-se elevar com a ascensão de Jesus: este é o princípio mais importante proposto por esta meditação, que se deveria completar com o Pentecostes. Contudo, em consonância com a teologia que o inspira, Sinibaldi não lhe dedica meditação alguma. E o tema de Pentecostes, a presença de Deus em sua Igreja é substituída pela presença de Jesus Cristo na Eucaristia, na qual se enfatiza mais a presença de Jesus do que a participação em sua páscoa.

O Paraíso consiste na visão intuitiva da essência divina, onde a alma vê todas as perfeições divinas que, agora, são conhecidas diretamente, em Deus mesmo, não mais com a mediação das perfeições análogas das criaturas. Esta visão implica a visão do amor entre as Pessoas da Trindade e de Maria e dos arcanjos e dos anjos e, também, dos santos. Esta é a felicidade reservadas aos que foram redimidos e entraram na glória divina. E é nesta visão de Deus que crescerá o nosso amor. Este aspecto unitivo com Deus completa de modo ontológico o que o aspecto da contemplação exigia em sua dimensão terrena. Esta glória e este amor, esta

---

<sup>18</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 127.

<sup>19</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 152.

luz e este ardor serão comunicados ao corpo no momento de sua ressurreição. Esta meditação insere suavemente os temas fundamentais da escatologia cristã, uma vida eterna na glória. Dentro do mesmo movimento neotomista e na mesma linha espiritual, Garrigou-Lagrange confirmará esta relação entre a contemplação nesta vida e na eternidade:

La vérité de cette conclusion apparaît plus encore si l'on remarque que la *grâce sanctifiante*, étant de soi ordonnée à la *vie éternelle*, est aussi ordonnée de même au *prélude normal et immédiat de la vision beatifique*.

Or ce prélude n'est-il précisément l'exercice éminent de la foi infuse éclairée par les dons de sagesse et d'intelligence, c'est-à-dire, la contemplation infuse de la bonté divine et de son rayonnement, avec la charité parfaite et le vif désir de la vision beatifique?<sup>20</sup>

No outro expressivo trecho de *A Alma aos Pés de Jesus*, ou seja, o que se intitula “*Visitas a Jesus Sacramentado*”, o autor oferece ao fiel trinta e uma visitas nas quais se contempla Jesus Eucarístico por meio dos momentos mais importantes de sua vida narrados nos Evangelhos. Estes momentos são evocados sem as citações e as passagens bíblicas correspondentes, e cabe à memória do fiel segui-la por meio das imagens criadas pelo próprio autor. À diferença do que se dá na parte anterior, nesta, encontramos uma reflexão sobre Pentecostes. O Espírito é santidade, amor, graça, ele desce sobre os que estão no Cenáculo. Mas, ao relacionar o Espírito com a Eucaristia, não se vê claramente o sentido dessa passagem, a saber, da presença do Espírito à presença do Cristo na Eucaristia:

Quem transforma a nossa humilde substância e na vossa Substância divina, tornando-nos semelhantes a Vós nos pensamentos, nas palavras e nas obras? O pão eucarístico... Quem infunde na alma dos santos a sobre-humana energia, com que lutam contra as paixões desordenadas e vencem os obstáculos que lhes impedem a consecução da virtude? O pão eucarístico... Quem obriga corações sensibilíssimos e almas afectuosas a separarem-se para sempre dos entes queridos, para levarem os benefícios da vossa fé aos países mais selvagens, onde os esperam, como recompensa da sua generosa dedicação, as privações, as contrariedades, a morte? O pão eucarístico... É sempre o pão eucarístico; pois, contendo a vossa Pessoa divina, este pão celeste contém o vosso Espírito, que é luz para as nossas trevas...<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Réginald Garrigou-Lagrange, *Les Trois Ages de la Vie Intérieure: Prélude de Celle du Ciel*, Tome II, Paris, Les Éditions du Cerf, 1939, p. 842.

<sup>21</sup> Tiago Sinibaldi, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959, p. 381-382.

Não há propriamente uma pneumatologia aqui, de modo que se a presença do Espírito não parece supérflua, certamente ela não é teologicamente justificada. Algumas décadas mais tarde, o tomista de renome, Yves Congar, escreve:

De forma constante, a eficiência da graça dos sacramentos foi atribuída à eficácia do Espírito Santo, “virtus Spiritus Sancti”. Isso significa que a ação sagrada celebrada na Igreja exige com acréscimo – mas um algo a mais que não tem nada de sobra facultativa! – uma vinda ativa do Espírito<sup>22</sup>.

É interessante que o anexo em que o teólogo francês expõe esta doutrina chama-se justamente “A função do Espírito Santo na Eucaristia segundo a tradição ocidental”, por isso mesmo ele complementa num parágrafo mais adiante, referindo-se a Santo Tomás: “Tomás preserva a atribuição da transubstanciação ao Espírito Santo como autor principal, mas, diz ele, isso não exclui a ação de um instrumento, isto é, as palavras do sacerdote”<sup>23</sup>.

## Conclusão

O percurso de nossa investigação, no aspecto da teologia e da espiritualidade, baseou-se, sobretudo, em *A Alma aos Pés de Jesus*. O cerne desta obra é o conjunto de meditações que desenvolvem uma espiritualidade baseada na imitação da vida de Cristo. Nela, percebem-se tanto os fundamentos filosóficos de Tiago Sinibaldi como os princípios de sua teologia.

Para a sua filosofia, tivemos como base os *Elementos de Philosophia*. Sua filosofia, embora neotomista, ainda está carregada pelas concepções das escolas tomistas que seguiram o Angélico ao longo dos séculos. Vê-se isto tanto no estilo quanto no conteúdo, que se expressam, respectivamente, na tendência apologética de seus textos e na concepção essencialista do ser, herdada do tomismo de escola.

---

<sup>22</sup> Yves Congar, *Creio no Espírito Santo, O Rio da Vida corre no Ocidente e no Oriente*, vol. 3, São Paulo, Paulinas, 2005, p. 329.

<sup>23</sup> Yves Congar, *Creio no Espírito Santo, O Rio da Vida corre no Ocidente e no Oriente*, vol. 3, São Paulo, Paulinas, 2005, p. 338.

Sua teologia é marcada por esta mesma tendência formalista que desemboca numa espiritualidade centrada no exercício da contemplação e da devoção. *A Alma aos Pés de Jesus*, a obra em que propriedades espirituais são patentes, revela-se mais próxima aos exercícios de Santo Inácio de Loyola e à Imitação de Cristo do que à espiritualidade tomista. Os melhores momentos da obra são justamente aqueles em que o autor se detém a comentar as passagens bíblicas, sem o teor especulativo presente nas meditações mais teóricas.

A obra espiritual de Sinibaldi é, pois, devedora de sua filosofia especulativa e moral de cunho tomista, mais próximo à escola do que ao próprio Tomás de Aquino, pois a linguagem espiritual e teológica se influenciam reciprocamente. Esta conclusão põe em relevo, contudo, a tradição que caracteriza a espiritualidade tomista ao longo dos séculos, com tendências ora para a contemplação, ora para a devoção. Enfim, embora limitado pela espiritualidade da escola tomista, Sinibaldi evidencia o mais importante da espiritualidade cristã: que a contemplação desta vida é prelúdio da contemplação eterna.

## Referências

### Fontes

Sinibaldi, Tiago, *Elementos de Philosophia*, Coimbra, França Amado, 1906.

Sinibaldi, Tiago, *A Alma aos Pés de Jesus*, Lisboa, União Gráfica, 1959.

Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, v. I, Madri, BAC, 1994.

Vaticano, *Acta Apostolicae Sedis*, Roma, ano IX, v. IX, 1917, p. 107-108.

### Estudos

Congar, Yves, *Creio no Espírito Santo, O Rio da Vida corre no Ocidente e no Oriente*, vol. 3, São Paulo, Paulinas, 2005, p. 329.

Deusdado, Manuel António Ferreira, *A Filosofia Tomista em Portugal*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1978.

Garrigou-Lagrange, Réginald, *Les Trois Ages de la Vie Intérieure: Prélude de Celle du Ciel*, Tome II, Paris, Les Éditions du Cerf, 1939.

Estêvão, Nuno, “A Restauração do Tomismo em Portugal no século XIX: As Instituições Christãs e a Academia de S. Tomás de Aquino em Coimbra (1880-1893)”, *Lusitania Sacra*, 2ª Série, n. XVI, 2004, p. 43-86.

Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, *Logos, Enciclopedia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 2, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1990

---

Creative Commons License

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

Received: 15/11/21

Accepted for publication: 10/12/21

Published: 16/12/21

---